

## CANTIGAS DAS CRENÇAS E DO POVO E DANÇAS POPULARES, DE ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO: TEMÁTICAS DE ONTEM E DE HOJE

Elisângela Mesquita Silva<sup>1</sup>

Maria Zilda da Cunha<sup>2</sup>

Rita de Cássia Dionísio Silva Santos<sup>3</sup>

*“Cantae, filhinhos, cantae. Reuni-vos aos bons, cantae, brincae. [...] Cantae, filhinhos, cantae. E, brincando e cantando, ganhae sympathias, amizades beneficas e boas”.*

Alexina de Magalhães Pinto

### 1. Introdução

A obra *Cantigas das Crenças e do Povo e Danças Populares* (1916), em sua composição, traz inovações para a época de produção, bem como índices potentes de questões que se fazem reverberar nos dias atuais.

A autora Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921) – professora, escritora, musicista e folclorista – é de origem mineira, da cidade de São João del-Rei. Na época – início do século passado – Alexina de Magalhães registrou, no livro acima referido,

---

<sup>1</sup>Mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes (2021). Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação - SME, Diretora Técnico-Pedagógica da SME. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0575732882314096>.

E-mail: [elisangelamesquita.s@gmail.com](mailto:elisangelamesquita.s@gmail.com).

<sup>2</sup>Docente na Universidade de São Paulo do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, coordenadora da Área de Literatura Infantil e Juvenil; possui Pós-doutorado em Estudos Portugueses e Lusófonos no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal (2018); Pós-Doutorado em Ciências, Educação e Humanidades pela UERJ (2016).

Líder do grupo de Pesquisa: Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (USP/CNPQ), vinculado à Universidade de São Paulo. Editora executiva da Revista Literartes.

Pesquisadora do CNPq.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4302400907230914>.

Email: [mzcl@usp.br](mailto:mzcl@usp.br).

<sup>3</sup>Professora doutora em Literatura pela Universidade de Brasília-UnB; mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM; pós-doutora pela Universidade de São Paulo-USP (FFLCH, 2018), com projeto sobre literatura infantojuvenil.

Professora na Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras: Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0886864680892636>.

E-mail: [cassiadionisio@hotmail.com](mailto:cassiadionisio@hotmail.com).

Atualmente, desenvolve o projeto de pós-doutorado “História Cultural de Mulheres Escritoras: Vida e Obra de Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921)”, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM e institucionalizado na Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG.

alguns cantos da tradição oral do povo brasileiro, retratando a sabedoria e as vivências populares. Se a autora traz à baila a transmissão da nacionalidade, do patriotismo, da história, do folclore brasileiro (e, também, algumas concepções de sentido moral – aspectos tão acarinhados na época) ela oferece, inovadoramente, um olhar muito arguto para a autonomia e identidade da criança, para a importância de suas experiências com o mundo letrado, a partir de interpretações ligadas ao lúdico, ao imaginário infantil, não perdendo de vista aspectos relacionados ao social e ao político. É desta forma que a escritora investe em uma pesquisa e publicação de um compêndio de cantigas populares.

O fato é que já na parte inicial da referida obra, a autora faz uma dedicatória às crianças, orientando-as a aprender brincando, a serem amáveis, delicadas e esforçadas, a agirem com generosidade umas com as outras. Sugere ainda que, ao cantarem e ao brincarem, façam a felicidade uns dos outros, lembrando-se das cantigas, dos momentos de convivência, dos lugares. Aconselha-as a serem prendadas, sabedoras daquilo que pode torná-las mais piedosas, educadas e inteligentes, valorosas pelo coração e pelo saber, cada dia com qualidades mais humanas (PINTO, 2016).

Percebe-se, com isso, o modo como a autora reconhece a relevância de aspectos relacionados à ludicidade, à oralidade, ao imaginário, à autonomia, à criatividade e ao protagonismo infantil<sup>4</sup> – percepção igualmente expressa na epígrafe deste artigo, a qual recuperamos: “Cantae, filhinhos, cantae. Reuni-vos aos bons, cantae, brincae. [...] Cantae, filhinhos, cantae. E, brincando e cantando, ganhae sympathias, amizades beneficas e boas” (PINTO, 1916, p. 3). É notório o incentivo ao lúdico, à alegria e à amizade como condição de se formar um ser humano equilibrado, integral e íntegro (civilizado, como propõe a autora).

Em “Nota justificativa”, a folclorista declara aos estudiosos e educadores como obteve os conhecimentos que repassa. As cantigas e brincadeiras populares foram obtidas oralmente, indo de casa em casa, resultando, depois de muitos anos, em uma compilação de saberes ouvidos dos lábios de diferentes pessoas, como, por exemplo,

---

<sup>4</sup>Aspectos, cuja relevância, ainda era incomum na época.

os relatos das mocinhas, as receitas das senhoras, os ditos populares das negras e suas mocinhas nos engenhos e outros conhecimentos e registros dos saberes que emanam do povo. Reúne-os na estrutura poética, com estrofes e versos seguidos das composições de notas musicais. Indica, em notas de rodapé, de onde (regiões e lugares) provinham aquelas produções e de quem as ouvira. Apresenta os nomes das pessoas, a região e reconhece as contribuições de cada uma, desde aquelas ligadas à literatura, ao conhecimento erudito, àquelas ligadas aos saberes emergidos da convivência eclética com o cotidiano, sem valorizar algum em detrimento de outro, pelo contrário, reconhece e preza todos os conhecimentos culturais, sendo fiel e mantendo a originalidade de todos os complexos e diversos saberes populares.

Por último, aconselha aos pais, crianças e educadores sobre como poderiam se servir do livro e, que, ao lê-lo, deveriam ler expressivamente e aprender bem cada poesia, antes de entoá-la. Faz indicação de exercícios vocais, sobre a exploração das figuras ou ilustrações e orienta pais e educadores a convidar as crianças a externarem o que viam, o que sentiam e o que lhes dizia o quadro, além de orientar sobre o papel do professor, os procedimentos didáticos, as colorações, pinturas, o uso do lápis de cor, entre outras formas de realização de atividades.

Ademais, a obra apresenta informações históricas e geográficas relativas à organização gramatical e sintática de frases e orações, à escrita de palavras em sua composição ortográfica (tais como “aza”, “através”, “creanças”, “physico”, entre outras), o que, de per si, já se constitui extraordinário material de pesquisa atinente aos estudos históricos sobre as línguas, a linguagem e o tempo (matéria de que não nos ocuparemos neste trabalho).

Considerando o exposto, este capítulo se propõe, alinhavando épocas, a apresentar algumas cantigas e brincadeiras, saberes populares reunidos na obra *Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares* da autora Alexina de Magalhães Pinto (1916); discutir a relação entre cantigas e brincadeiras populares e os documentos norteadores da educação infantil no Brasil, tais como a Base Nacional Comum Curricular (2018), as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2010) e a

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996); refletir sobre temáticas de ontem e de hoje enredadas nas cantigas e brincadeiras que serão apresentadas.

## **2. *Cantigas das Criações e do Povo e Danças Populares: temática de ontem e hoje***

Com efeito, A obra *Cantigas das Criações e do Povo e Danças Populares* (1916), de Alexina de Magalhães Pinto, reúne brincadeiras e cantigas de roda, oriundas das relações e vivências populares com impacto na contemporaneidade. Haja vista sua produção ultrapassar os limites do tempo. Ontem e hoje enlaçam-se em seu fazer literário; algo francamente notado pela multiplicidade das linguagens a que a autora se atém (sonora, visual, verbal) e seus hibridismos pela plástica do musical, do corporal, da imagem, do movimento; pelo recorte do material, que iria tecer sua produção, capaz de refletir as expressões populares, folclóricas e culturais da época – sincronia – com repercussões para o futuro – diacronia. Destarte, a brincadeira, o jogo, a imaginação e a linguagem em *Cantigas das Criações e do Povo e Danças Populares* engendram experiências e temáticas de ontem e de hoje, que se emaranham diacrônica e sincronicamente, como contribuição para o ensino e aprendizagem da criança.

Convém, nesse sentido, examinar as relações que tais cantigas do século passado viriam a repercutir nos tempos atuais, século XXI, com vieses alinhados à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, no que diz respeito às dez competências gerais da Educação Básica, pois “pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 25).

Nas *Cantigas das Criações e do Povo e Danças Populares*, Alexina de Magalhães Pinto referenda, por meio das artes, a construção de uma sociedade que visa garantir a formação integral das crianças com perspectivas de uma nação justa, civilizada e harmônica. É o que se pode notar no excerto: “Altivo – criança, indivíduo, tribu, nação – envolve atravez das artes; e só atravez das artes conseguirá avançar, surgir e, mais tarde, firmar-se na história da civilização” (PINTO, 1916, p. 191). Logo, as artes (cantigas e brincadeiras populares) têm o papel de formar a criança e dotá-la de conhecimentos inerentes ao seu modo de agir e ver o mundo.

Nessa perspectiva, a BNCC orienta que a primeira etapa da Educação Básica – Educação Infantil – deve contemplar as “interações e brincadeiras” como eixos estruturantes e assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Os direitos de aprendizagem, quais sejam o de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer, estão plenamente imbricados na obra em estudo, como se pode observar no trecho a seguir:

Ora, ausentes os meios de exercitar a razão abstracta, o nosso incola é eterna creança. Como a creança, imita, gesticula; expressivamente diz; canta, toca e dança; quer-se admirado pelos seus pares; corre, salta, bate, embate, derruba, atira, despedaça; algo ideando (matutando) amontoa, amassa, queima; destroe, constroe; lasca, traça, pule, sem que por mãos civilizadas, seja iniciado em taes diligencias. (PINTO, 1916, p. 191)

Ressalte-se que os direitos de aprendizagem supracitados são interdependentes e interligados, isto porque, ao brincar, a criança convive, participa, explora, expressa e conhece. Outrossim, ações peculiares da criança, ora mencionadas pela autora da obra, estão nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, especialmente no que diz respeito ao conceito de criança:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Vale destacar que o conceito de criança no século passado não se assemelha ao dos tempos atuais e, desse modo, o pensamento, ideais e ações da professora, escritora e folclorista mineira Alexina de Magalhães Pinto, ao que parece, despontam como singularidade e autenticidade, se cotejados com as percepções de outros intelectuais que circulavam naquele momento histórico. A educadora, que estudara escolanovismo na Europa no final do século XIX, apresentou uma didática que acreditava na interação criança-criança, no respeito aos direitos dos infantes e na concepção de que se aprende brincando. Afirma a autora que a criança deve ser amada, judiciosamente observada, apoiada, guiada, acompanhada e compreendida em seus desvarios e trabalho que realiza. Comparativamente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394, de 20 de dezembro de 1996, no artigo 31, inciso I, dispõe sobre o acompanhamento do desenvolvimento da criança: “na

educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento” (BRASIL, 2020, p. 23). Logo, nestes tempos em que estudos e pesquisas sobre desenvolvimento infantil, ensino e aprendizagem são expressivos, ratifica-se a necessidade de se acompanhar o desenvolvimento da criança, tal como Alexina Pinto o afirmava em sua época:

Aproveitarmos essa idade para firmar a creança, primeiro, nos nossos sentimentos, depois, nas próprias pernas, que antes de andar sabe sentir a creança; na nossa linguagem, e ainda para orienta-la nas artes que fazem o seu encanto, nas artes que tornam atraente e facil o viver, na arte de bem servir-se das proprias mãos; isso respeitando a alegria da creança, a sua personalidade, os seus direitos e levando-a a compreender que todos nós temos deveres a cumprir, é, parece-me, um dos problemas sociaes do momento. (PINTO, 1916, p. 192)

Nessa acepção, percebe-se o cuidado, o respeito e o valor à criança como ser que pensa, sente e age, como sujeito de direitos, reconhecendo a sua personalidade, a sua fase de infância e também seus deveres. Algo de que, inadvertidamente, a sociedade atual, por diversos motivos, muitas vezes parece se esquecer. Em especial, quando não se preocupa em inculcar na criança, desde tenra idade, a compreensão de seus direitos, e, sobretudo, dos deveres que engendram a construção da autonomia, responsabilidade e compromisso. Neste sentido, é necessário que se dote a criança de atribuições – tarefas – que lhe facultem a condição de se construir e constituir-se como ser humano integral “em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”, como pressupõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/96, no artigo 29 (BRASIL, 2020 p. 23). O entendimento expresso na referida legislação corrobora o que a autora Alexina de Magalhães Pinto nos indica, quando menciona acerca do desenvolvimento afetivo da criança. Esses pequenos, sob a responsabilidade e efetiva condução dos pais e educadores, estarão habilitados para uma vivência plena no futuro. Abrimos parênteses aqui para mencionar que, de forma geral, o trabalho da autora já apresentava uma gênese do que, mais tarde, se poderia notar como principal fundamento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº: 8.069/1990), ao compreender a criança como um sujeito de direitos:

Que exercicios nas artes, nas luctas, nos officios, que campo experimental na psychologia primitiva e na infantil, damos nós, abrimos nós

aparelhamos nós aos nossos educadores, ás nossas educadoras para que se habilitem a preparar convenientemente as noveis educandas de hoje [...] (PINTO, 1916, p. 192)

Com ideais inovadores, a autora trouxe para a sua época o marco de irreverência ante aos costumes e hábitos. A sua visão de futuro traz um olhar atento para com a condução da criança: quais informações e conhecimentos receberão para desenvolver-se integralmente nos aspectos afetivos, cognitivos, físicos e sociais. Assim, também, nos alerta para nos capacitarmos, ou seja, para o modo de buscarmos e aprimorarmos nossos conhecimentos: “E nós, que fizemos nós, para habilitar-nos a não deixar eternamente malbaratados os esforços espontaneos que a creança, o primitivo, a raça, fazem a bem do seu proprio desenvolvimento harmônico – psychico, physico, intellectual?” (PINTO, 1916, p. 191-192).

Ainda no “Appendice ás cantigas”, como na “Nota preliminar”, Alexina de Magalhães Pinto, orienta os artistas do Brasil a manusearem a literatura brasileira, e a extraírem dela o que tem de mais significativo, a assistirem ao trabalhar do povo, a observarem os pequeninos em seus lazeres, no sofrer e no folgar e que, ao viajarem pelo interior do Brasil, a bem da educação das crianças e da unidade pátria, apreendessem as manifestações espirituais, éticas, práticas e estéticas emanadas do próprio povo. Percebe-se, aqui, o valor e o reconhecimento da autora pelas raízes do povo brasileiro, pelos conhecimentos populares mesclados ao saber fazer como costume, hábito, cultura. Sendo a vida concretizada no traço, na argila, no som, naquilo a que ela nos encerra, afirma Alexina de Magalhães Pinto, “na alma, nas pedras e das cousas; na alma das plantas; na alma dos pequeninos heróes do ocio, na alma dos grandes heróes do trabalho!... Possam todos concorrer estudando-nos, registrando-nos, melhorando-nos como povo” (PINTO, 1916, p. 193). Essa orientação da estudiosa a outros autores se deu pela sua própria experiência ao coletar, por meio da oralidade, a literatura oral, a cultura popular, os saberes dos povos que sabiam, de memória, contar e cantar versos em rodas de conversas. É o que se percebe, também, na “Nota justificativa aos estudiosos e aos educadores”, mencionada na obra em tela:

De lar em lar, de poiso em poiso, durante longos annos, andei a ouvir e registrar de lábios mineiros, cariocas, fluminenses e paulistas, de continentes estranhos que sorte adversa a essas paragens lançára – cantigas, histórias, máximas, receitas, superstições... Nos salões, nas salas,

atenta, ouvi meninas, mocinhas, senhoras, matronas, buscando-as sempre em meios em boa conta tidos. (PINTO, 1016, p. 4)

O trabalho de pesquisa, coleta e seleção da seara cultural empreendido pela folclorista mineira revela-se em consonância com um entendimento da literatura oral enquanto patrimônio cultural imprescindível à preservação das tradições, dos costumes e dos valores e das práticas éticas e estéticas de um povo, necessários à compreensão de sua história social.

Nesse sentido, para exemplificar o que afirmamos, transcrevemos, a seguir, a cantiga<sup>5</sup> do “Sapo Jururú”, que integra a obra em estudo, que, conforme a autora, para a cantarem, as crianças sentem a expressão das fisionomias, antes de compreenderem a significação das palavras:

Sapo Jururú  
Sapo jururú,  
Na beira do rio;  
Quando o sapo grita  
É porque está com frio  
  
Sapo jururú,  
Na beira do mar;  
Quando o sapo grita  
  
É porque quer casar.  
(PINTO, 20216, p. 40)

Paulo Freire, em *A importância do ato de ler- em três artigos que se completam* (1982), afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, a criança se apropria dos sentidos do mundo que a cerca através da experiência visual, dos sons, dos cheiros e sabores, de tudo o que observa. Assim, a afirmação da escritora Alexina de Magalhães sobre o fato de que a criança entende o sentido da cantiga antes mesmo que saiba ler ou escrever parece antecipar-se ao que o educador contemporâneo viria a declarar.

Ainda no que diz respeito à elaboração do livro como uma espécie de patrimônio cultural (como anteriormente referido), Alexina de Magalhães Pinto evidencia, na “Nota – B, á Carola”, a colaboração das pessoas com as quais contou para o trabalho, em especial para esta cantiga:

---

<sup>5</sup>Ressaltamos que, por uma questão de economia, não nos será possível fazer, neste trabalho, um detalhado exercício de análise das cantigas extraídas da obra. Assim, algumas delas serão apenas transcritas para exemplificar nossas afirmações.

Devo esse romancinho a uma cozinheira preta, maltrapilha, analfabeta,—mas de memória musical e de memória de palavras extraordinária; voz agradável, harmoniosa, afinação impecável. O rosto iluminado por um olhar meigo, comunicativo e por um constante sorrir, fazia esquecer os andrajos, com que, tão joven ainda, mal disfarçava a nudez. Devo-lhe também o *Sapo Jururú* (versão negra, supressa), *Anjo do Céu* e outras. Carola não me parece, entretanto, de origem negra. Inversamente a cantiga *Charuta*, colligida dos lábios de meninas brancas, parece sê-lo. (PINTO, 1916, p. 195)

Importante considerar que a literatura oral entranhada no modo de viver e de ser das pessoas, retrata o seu cotidiano, propaga aquilo que o ser humano arquiva, guarda em suas memórias, enquanto lembranças advindas de suas vivências, experiências individuais que se materializam na coletividade.

A cantiga “Therezinha de Jesus”, abaixo, deixa entrever, por exemplo, alguns aspectos ligados às virtudes, aos valores, mas também aos costumes do século passado:

#### **Therezinha de Jesus**

Therezinha de Jesus

De uma queda foi ao chão;  
Acudiram tres cavaleiros,  
Todos tres, chapéu na mão:  
O primeiro foi seu pae,  
O segundo seu irmão

E o terceiro foi aquelle  
A quem ella deu a mão.  
Therezinha levantou-se,  
Levantou-se lá do chão  
E, sorrindo, disse ao noivo:

‘Eu te dou meu coração’.  
(PINTO, 1916, p. 64)

“Therezinha de Jesus” retrata a solidariedade, o amor ao próximo, o cuidado, a proteção e também a figura de três homens (pai, irmão e futuro esposo) que acudiram a mulher. Pode-se refletir, também, como era de costume no século passado, o casamento arranjado, onde os dois homens (o pai e o irmão) haviam concedido a mão da filha/irmã – Therezinha – a outro homem (o noivo), e a aguardavam para apresentá-la ao pretendente. Assim, a cantiga revela a possibilidade do amor à primeira vista, ou pela gentileza do rapaz ao socorrer a “frágil” donzela, ou pelo fato de Therezinha considerá-lo como pessoa aprovada para se casar.

Importante considerar que a figura da mãe não aparece na cantiga, o que evidencia o predomínio da figura masculina, apontando para o poder e a dominação do homem sobre a mulher. Outro aspecto digno de nota é o título da cantiga, “Therezinha de Jesus”, o qual se pode referir a uma mulher com sobrenome (Jesus), ou ao fato de ser a filha de um homem chamado Jesus – no último caso [genitivo], sendo uma evidente relação de posse/possuidor.

Assim, a cantiga, enquanto diverte, traz em si os costumes e valores da época: a ludicidade evocada pela melodia e o cantarolar envolvem a criança e a despertam para o prazer e alegria ao mesmo tempo em que fazem circular um *modus vivendi* daquele contexto.

Retomando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, nota-se que, no documento, a interação da criança com outras crianças se caracteriza em seu cotidiano durante o brincar, pois traz consigo muitas aprendizagens e potenciais para o seu desenvolvimento integral. Nesse sentido, é possível identificar a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções das crianças em relação a si mesmas e aos adultos por meio das interações e a brincadeiras. Para isso, deve-se favorecer diferentes possibilidades de experiências das crianças com outras crianças e com adultos, para que aprendam em situações nas quais possam ser desafiadas e a se sentirem provocadas a resolver situações-problemas e, conseqüentemente, possam construir significados sobre si mesmas, os outros e o mundo social e natural no qual estão inseridas (BRASIL, 2018).

### **3. Brincadeira de criança...**

O brincar é um modo próprio de ser criança, pois, durante as brincadeiras e interações, expressam-se vontades, afetos, frustrações, resolvem-se conflitos e problemas cotidianos, constroem-se identidades e se produz cultura. Mas brincadeira é também trabalho: é a tarefa à qual, por direito, as crianças devem se dedicar nessa fase da vida em que as performances e representações mesclam realidade e imaginação. Dessas vivências resultam, mais tarde, a maturidade humana, a compreensão de situações cotidianas desafiadoras e a possibilidade de se encontrar equilíbrio emocional, por exemplo.

Assim, a brincadeira, o jogo, a imaginação e a linguagem abordadas na obra *Cantigas das Criações e do Povo e Danças Populares*, ao abrangerem uma infância emoldurada por jogos simbólicos, alternando pensamento, imaginação e realidade, possibilita à criança uma experiência como sujeito sócio-histórico-cultural, em que é possível brincar e interagir com outras crianças e adultos, construindo sua identidade pessoal e coletiva – Homo Ludens – (HUIZINGA, 2007). Nesse sentido, pode-se ler na BNCC:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2018, p. 38)

Desse modo, como mencionado anteriormente, toda brincadeira tem caráter de seriedade, haja vista a construção da moralidade, de valores, identidade, conhecimento de mundo, do outro e de si mesmo, quando se constrói regras, descumpre as regras, enfim, regula-se os modos de se comportar, falar e ouvir com atitudes de controle e equilíbrio do que pensa, sente e age ao brincar.

A cantiga “O cravo e a rosa”, abaixo transcrita, pode bem exemplificar o que afirmamos:

O cravo brigou co'a rosa,  
Defronte da nossa casa;  
O cravo saiu ferido,  
A rosa espedaçada.

O cravo ficou doente  
A rosa foi visitar;  
O cravo teve um desmaio,  
A rosa pôz-se a chorar.  
(PINTO, 2016, p. 69)

A cantiga, a partir do trabalho com a personificação, evidencia uma relação entre duas flores/pessoas que, ao se agredirem, saem feridas e machucadas. A rosa, personificação da mulher agredida, sai, após o conflito, aos pedaços, mas se recompõe e vai visitar o cravo, personificação do homem, que, por sua vez, fica doente. Entretanto, o cravo, ao presenciar a visita inesperada da rosa, sente um desmaio; ela chora ao vê-lo desmaiado. Pode-se notar que o desmaio do cravo pode ter ocorrido pelo fato do estrago que ele fizera no corpo da rosa, ou seja, por vê-la machucada. Mas, também, por se surpreender pela visita inesperada de uma amada ferida. Já o

choro da rosa pode ter sido pelo fato de o cravo sofrer um desmaio ou ter morrido naquele instante, ou, ainda, por talvez se lembrar do episódio de dor e sofrimento.

Importante considerar o teor infantil da cantiga pela melodia e pela peculiaridade das “briguinhas” entre crianças, principalmente por ciúmes, egoísmo, inveja, domínio de um sobre o outro, enfim, conflitos instintivos pela defesa de si na própria relação a dois, na construção da moralidade. Já a cantiga *Bitú* lude, também, à violência, no sentido de “surra”, “açoite”, “apanhar”:

**Bitú**

- Vem cá, Bitú. Vem cá, Bitú.  
Vem cá; vem cá; vem cá!  
- Não vou lá, não vou lá, não vou lá;  
Tenho medo de *apanhá*.  
(PINTO, 2016, p. 28).

A produção evidencia um/a Bitú que pode ser uma criança, uma pessoa idosa ou um adolescente, talvez, que, ao ser chamado por uma outra pessoa, tem medo de apanhar. Tem-se a impressão de que, pela insistência e a forma como “Bitú” é convidado/a a ir até quem o/a chama, a violência é uma ameaça real. Ressalte-se que a prática de corrigir a criança por meio de uma “surra” era comum no século passado, porém, nos dias atuais, é crime contra a criança, como dispõe o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, no artigo 5º:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990, p. 16)

Assim, também, quaisquer xingamentos, gritos, palavras agressivas à criança configuram-se como violência, como se pode ler nos *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil* (2009):

A instituição combate e intervém imediatamente quando ocorrem práticas dos adultos que desrespeitam a integridade das crianças (castigos, beliscões, tapas, prática de colocá-las no cantinho para “pensar”, gritos, comentários que humilham as crianças, xingamentos ou manifestações de raiva devido a cocô e xixi, etc.). (BRASIL, 2009, p. 45)

A cantiga “Bitú” nos leva a refletir sobre o porquê do chamamento insistente de alguém e o porquê de essa pessoa se recusar a ir (sabendo que incorre em risco de apanhar). Será que quem estava a chamar queria mesmo bater? O que provocaria

medo? Nota-se que o uso da pontuação e demais sinais gráficos aludem à expressão de emoções como temor, medo e raiva, por exemplo.

Ressalte-se, ainda: o que mais se acentua na canção é o tom de brincadeira, com rimas e frases curtas, facilitando, inclusive, o cantar e o encenar de crianças em roda. Assim, na cantiga, o brincar envolve-se em uma espécie de conteúdo disciplinar vigente na época.

A cantiga: “A baratinha” traz à tona a ludicidade acompanhada de um leve toque de humor, haja vista o final da cantiga, pois dá a entender que a baratinha serviu-se de comida para o galo. Na primeira estrofe, a baratinha estava atenta aos olhares de alguém e fugia do perigo, entretanto, na última estrofe, desatenta e descuidada, é surpreendida pelo galo, que a tem como comida.

**A baratinha (*fragmento*)**

Eu vi, vi uma barata  
No capote de vovô;  
Assim que ella me avistou  
Bateu azas e voou.

Baratinha no sobrado  
Também toca seu piano...  
Anda o rato de casaca  
Pela rua passeando.

E a mimosa baratinha  
No perigo não cuidava...  
Depois já era tarde,  
O gallo já beliscava.  
(PINTO, 2016, p. 36-37)

A autora Alexina de Magalhães Pinto menciona sobre o modo como as crianças se apropriaram da cantiga – deturpando sua composição original – (sendo a autora questionada por um distinto estudioso do folclore na época), mas permaneceu a composição do jeito que as crianças a cantavam, afirmando que seria infiel se a eliminasse. São notórios o respeito e o valor que a autora tinha às crianças, o reconhecimento destas como sujeitos que pensam, a autonomia a elas concedida, defendendo-as. Em notas explicativas, a autora esclarece que mudanças em composições de letras de cantigas são efetuadas por ela apenas quando a inserção de mais uma palavra (ou sílaba, por exemplo) é indispensável para tornar o verso em música executável.

Observa-se, nas cantigas, a personificação dos animais, a melodia, o ritmo, as rimas, composições líricas com expressões estéticas que qualificam a obra literária. Por exemplo, a cantiga “O piolho”, abaixo, pode favorecer a expansão das faculdades imaginativas infantis no tocante a, como seria uma pulga tocar flauta, uma perereca tocar violão e um piolho tão pequeno tocar o rabecão:

**O piolho**  
(*Fragmento*)

Pulga toca flauta,  
Perereca vilão;  
Piolho é pequenino,  
Também toca rabecão.

Pulga mora embaixo  
Persevejo mora ao lado;  
Piolho é pequenino,  
Também mora no telhado.

(*Outra versão mineira*)

Lá vem a dona Pulga,  
Vestidinha de balão;  
Dando o braço ao persevejo,  
Na entrada do salão.  
(PINTO, 1916, p. 42-43)

A autora menciona que a versão mineira lhe fora enviada pelo autor Plenilunio, o qual, mais tarde, lhe daria o texto na íntegra. Talvez, por isso, tem-se “persevejo” com “s”, em (*Fragmento*), e com “percevejo”, “c”, em (*Outra versão mineira*), dada a responsabilidade da autora em manter a fidedignidade das cantigas que recebia.

Ademais, algumas cantigas apresentam didaticamente como as crianças deveriam cantar e brincar, ou seja, um modo de aprender brincando, em que se constroem moralmente e se formam integralmente enquanto ser físico, afetivo, social e cognitivo.

A criança explora o mundo e com ele interage nos mais diferentes modos de comunicação e expressão; com “a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem”, (BRASIL, 2018, p. 40). Logo, estabelece relações com o outro, expressa, brinca e produz conhecimentos de si, do outro, do meio social, natural e cultural. É por meio do corpo que ela sente as sensações, capta, a seu modo, os limites, dificuldades e

potencialidades de ser e viver, desenvolvendo-se a seu tempo uma consciência segura e autônoma.

Na Educação Infantil, a criança é protagonista do processo de ensino e aprendizagem, ganha centralidade como partícipe das práticas pedagógicas e tem no corpo a expressão do cuidado físico, orientada para a sua emancipação. As cantigas aqui transcritas, mesmo sendo de um tempo outro, parecem revelar exatamente isso.

#### **4. Considerações finais**

A condensada análise da obra *Cantigas das Crenças e do Povo e Danças Populares* de Alexina de Magalhães Pinto (1916) apresentada neste texto possibilita divisar, nas cantigas e brincadeiras, um caráter lúdico, criativo, que se vale dos jogos e brincadeiras infantis guarnecidos pelos movimentos do corpo, pela linguagem. Nessas canções subjazem feições pedagógicas, disciplinares e moralizantes, de forma notória (quase sempre) ou velada, em que se notam as crenças, ideias e filosofias daquele tempo, indispensáveis à formação humana de crianças e adolescentes, na percepção dos intelectuais. Mas há que se ressaltar que, há exatamente um século, a professora mineira recomendava o ensino às crianças por meio da ludicidade, da música e da poesia. Essa proposta, ao que parece, revela-se distinta do ideário daquele contexto, em que se notabilizava a face pedagogizante e didatizante dos textos destinados às crianças. Nesse sentido, talvez não seja descomedido afirmar que Alexina de Magalhães Pinto aponta, neste seu livro do início do século XX, para noções que somente mais tarde iriam nortear documentos do ensino na Educação Infantil – como a Base Nacional Comum Curricular, as Diretrizes Curriculares Nacionais e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por exemplo, os quais dispõem sobre o ensino com foco nas interações, brincadeiras, no lúdico e no respeito à autonomia da criança.

Além dos aspectos a que nos dedicamos neste trabalho, é necessário mencionar, também, a notória força estética da organização da obra em estudo, especialmente no que diz respeito à complexa e potente rede hipertextual de notas explicativas e referências que a compõem, por exemplo, ao apresentar muitas outras temáticas que desafiavam estudiosos nos tempos de ontem e que nos desafiam nos

tempos de hoje, corroborando, dessa forma, a contemporaneidade desta autora e das obras que organizou.

### Referências

- BRASIL. *LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Conteúdo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961. – 4.ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil / Ministério da Educação / Secretaria da Educação Básica*. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o *Estatuto da Criança e do Adolescente* e dá outras providências. Diário Oficial da União. Ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 6 out. 2021.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam* (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4). São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.
- HUIZINGA, Johan, *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- PINTO, Alexina de Magalhães. *Cantigas das Crenças e do Povo e Danças Populares*. Bibliotheca Infantil. Colligidas e selecionadas do FOLK-LORE brasileiro. Collecção Icks, – série A. Rio de Janeiro; S. Paulo; Bello Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1916.